

## **Outros nomes do desterro do ser: uma leitura transdisciplinar de *L’Espérance macadam*, de Gisèle Pineau**

*Humberto Luiz L. de Oliveira*

### **Resumo**

Utilizando-se tanto da metodologia dos estudos literários quanto daquela dos estudos culturais, e a partir dos conceitos de literatura, exílio, *self*, missão, identidade, alteridade, este trabalho pretende demonstrar como a escritora Gisèle Pineau busca estabelecer novas formulações da questão identitária ao sinalizar para a possibilidade de fundação de novos pactos sociais ancorados no respeito à alteridade e na plena cidadania dos indivíduos, a partir da tessitura de seu romance *L’Espérance macadam*, onde predomina tanto a criouliização do francês quanto a francização do *créole*.

**Palavras-chave:** Alteridade, Identidade, Exílio

### **Resumen**

Utilizando tanto la metodología de los estudios literarios cuanto la de los estudios culturales, y a partir de los conceptos de literatura, exilio, *self*, misión, identidad, alteridad, este trabajo pretende demostrar como la escritora Gisèle Pineau busca establecer nuevas formulaciones sobre la cuestión identitária al indicar la posibilidad de fundación de nuevos pactos sociales ancorados en el respeto a la alteridad y en la plena ciudadanía de los individuos, a partir de la tesitura de su novela *L’Espérance macadam*, en la cual predomina tanto la criollización del francés como el afrancesamiento del *créole*.

**Palabras claves:** Alteridad, Identidad, Exílio

## Abstract

Using as methodology of literature studies as cultural studies, and the concepts literature, exile, self, mission, identity, otherness, this work aims to demonstrate how the novelist Gisèle Pineau seeks to establish new formulations of the identity that signalizes to the possibility of foundation of new social pacts anchored on respect to the otherness and the plenty citizenship of the individuals, in the context of her novel *L'Espérance macadam*, in which prevail as much the creolization of french as the frenchization of the *créole*.

**Keywords:** Otherness, Identity, Exile

Este trabalho pretende ancorar-se tanto no campo dos estudos literários quanto no dos estudos culturais que se caracterizam por ser uma espécie de processo, uma alquimia para produzir conhecimento útil sobre o domínio da cultura e que, por falta de uma metodologia distinta que possa reivindicar como sua, carrega a marca da ambigüidade, pois se caracteriza por ser bricolage; e, também, por operar com conceitos como literatura, self, missão, exílio, identidade e alteridade, constituindo, portanto, um campo multi ou transdisciplinar, ou ainda contra-disciplinar, [...]”(NELSON,TREICHLER,GROSSBERG, in SILVA :1995). Talvez para que se possa realizar o que Bill Readings propõe ser uma “ética da leitura, no sentido de que a leitura deve ser realizada enquanto “[...] ato de resistência [...] como a passagem da comparação à diferença [...]”, que possibilita “encontrar o minoritário, evocar seu diferendo” (READINGS,2000, p. 41-42).

O termo migrante, que circulará neste trabalho, recobrirá apenas os que são forçados a se desenraizarem de modo abrupto ou violento, vergados sob um presente carregado de lembranças, numa memória ameaçada de fragmentar-se ante o confronto de novas realidades, novas paisagens, novas linguagens, “[...] num tempo espesso que acumula sem sintetizar as experiências do ontem e dos espaços que se deixaram atrás e que continuam perturbando com raiva ou ternura, [...] enunciando um discurso

marcado por sua reivindicação da múltipla vigência do aqui e do alhures” , do presente e do passado segundo o qual, “no próprio instante em que afirma a rotundidade de uma fronteira, está burlando-a e mesmo esquecendo-a, mediante a fluidez de uma fala que se emite de qualquer dos seus lados e sempre de maneira eventual, transitória,[...]” (CONEJO POLAR, 2000, p.133) São seres, portanto, que buscam o espaço urbano e mergulham na mobilidade de uma cidade na qual “[...] seu trânsito de desconhecidos, suas sucessivas construções e demolições, seu ritmo acelerado, as mutações que os novos costumes introduz(em), tudo contribui(u) para a instabilidade, a perda do passado, a conquista do futuro [...]” (RAMA: 1974, p.97).

Embora a literatura não represente o mundo real, cabe-lhe, no entanto, o decisivo papel na construção de uma realidade social imaginária, forma privilegiada de representação simbólica. Desta maneira, foi, sobretudo, através da literatura que se difundiram e se fixaram os valores que definem uma cultura. De fato, o texto narrativo busca constituir-se como modelo ou como mediação. Ele propõe, pela língua, uma imagem de sociedade suscetível de nutrir as nossas reflexões sobre a nacionalidade e a identidade. Além do mais, é importante não esquecer que, nas sociedades pós-coloniais, quando um escritor diz “eu” quer na verdade falar por sua coletividade (MOSER, 1998).

Por outro lado, reconhecemos que muitos representantes da intelligentsia cultural que se colocaram a serviço dos aparelhos de estado buscaram reverberar as ideologias de integração na sua produção literária; contudo, há outros que, pelo contrário, utilizaram-se da sua produção artística para dar voz a personagens representativos de grupos social ou politicamente minoritários, e, ao fazê-lo, vão expor as fraturas do tecido social e propõem novas formulações da questão identitária, com implicações decisivas e fundamentais no esboço de pactos sociais baseados no respeito à alteridade, na autodeterminação dos

povos e na cidadania plena dos indivíduos, o que significa uma adesão político-filosófica aos ideais libertadores do mais nobre humanismo.

É com este olhar carregado de generosidade que a escritora franco-caribenha Gisèle Pineau tece sua escritura em *L'Espérance macadam*, no qual podem ser encontrados traços do melhor realismo mágico no trato de algumas personagens e do próprio cenário deste romance que evidencia vozes narrativas representativas de uma dupla condição minoritária: as personagens principais são mulheres e negras num mundo onde predomina a violência em suas diversas faces, sobretudo aquela da dominação do macho, mesmo se também negro<sup>1</sup> sobre a mulher, desde a tenra infância, iniciando-se pelo abuso sexual, depois pela sedução e posteriormente pelas agressões físicas até a morte.

Personagem principal de *L'Espérance macadam*, Éliette Florentine é estuprada pelo próprio pai, aos oito anos de idade, numa noite em que o Ciclone, chamado a Besta por seu poder de destruição, devasta Guadalupe. Traumatizada, ela perderá a fala que, somente por volta dos quinze anos, recuperará, embora jamais volte a se lembrar do que lhe aconteceu.

Tempos depois, levada por sua mãe e seu padrasto Joab, Éliette vai morar num lugar ermo e deserto chamado Savane, onde, nos anos sessenta, se desenvolverá uma favela que será depois batizada de Savane Mulet, para onde acorrem, enxotados pela cidade, uma multidão de sem-teto e sem-emprego, migrantes de fora e de dentro de seu próprio país ou região que, buscando um lugar para morar,

[...] (Ils) arrivaient de partout, barraient des morceaux de terre, plantaient des cases immondes...Gens jetés de tous les côtés de Guadeloupe. Famille débarquées sans parole qui serraient jusqu'à leurs noms. Nègresses borgnes, la figure couturée, mal rapiécée, une marmaille qu'on peut pas compter dans les

jupes, une pièce-case déchargée d’un char pour couvrir la tête de la postérité. Une multitude, oui, tombée sur Savane Mulet comme les sauterelles sur toute l’étendue du pays de Pharaon. Zombis de temps nouveaux...[...] Et puis d’autres nations arrivèrent des pays anglais et espagnols de la Mer Caraïbe [...] (EM: p, 24-25).

Que lugar é este, Savane, para onde migram mãe e filha, levadas pela esperança de Joab em construir um paraíso sobre a terra até então inexplorada? A polifonia evidencia-se nos vários significados dados a esta palavra: da amplidão da paisagem africana à restrição da liberdade do escravo antilhano que só podia locomover-se no território desta outra *savane*. Ou da *savane de rafraîchissement* espaço reservado ao repouso e à convalescença dos escravos após a longa travessia do tráfico negreiro. Ou remete ainda à praça pública de Fort-de-France e a todos os pampas que cobririam as ilhas.

O certo é que, presa a um passado que não consegue decifrar, ela deixa-se ficar em sua própria casa, fechando-se ao mundo que a rodeia, odiando tudo e todos que, como ela, encontram-se em situação de desvantagem em relação à própria vida:

[...] Éliette cherchait rien d’autre sur cette terre que la paix de sa case. Pas mêler son existence au désordre de Savane. Pas laisser son esprit donner couleur aux sons, bâtir des cathédrales de douleurs en son coeur. Yeux et oreilles bouchés, elle luttait pour repousser au loin la peine des autres. La vie au-dehors, c’était grand fracas déveine et “Priez pour nous mes frères! [...] (p.8). [...] J’entendais et je voyais, mais je me mêlais pas... Je laissais pas le son du ka couler en moi, m’emporter dans cette baille où grouillaient les misères de Savane [...] ( EM. p .16).

Assim, *Savane Mulet* representa para Éliette o lugar onde irá curar-se do esquecimento, onde deverá recuperar a memória perdida, resgatar sua própria voz, narrar sua própria história uma vez que o conhecimento que traz é aquele oferecido por sua mãe enlouquecida que a aconselhava a ser comedida, prudente,

em outras palavras a viver inautenticamente, temendo o próprio medo e a liberdade, vergada sob o peso da fatalidade de um destino inexorável:

Autrefois, quand son esprit trouvait un chemin de clarté, ma manman disait: “ Tu nais, tu meurs et entre ces deux affaires, tu emplis ton bagage de ce qui vient. Tu ne sais jamais ce que porte le vent. Des riens que tu soupèses avec le petit doigt. Des montagnes éboulées qui t’oppressent le restant de tes jours. Des couleurs enfantées par je ne sais quel malin. Et même, si tu vois le soleil haut dans toute sa souffrance, prends-le seulement comme l’embellie. Sache que chaque jour qui pointe dépose sa charge. Tu peux connaître des matins de plume sans souffrance, et tu chantes Gloire à Dieu! Mais, quand vient le serein, un cyclone bien enragé peut décider de charroyer ta case et ravager l’espérance de ton jardin [...]. Liette, préserve-toi ! Ne ris pas trop gras, ne pleure pas trop fort. [...] Sûr que tu perdras tes yeux à dénombrer les têtes des épingles qui crucifient les jours. Tu chercheras peut-être une lumière dans le passé éteint. Mais, arrivée au dernier rond, il ne sera plus temps de caresser souvenirs et regrets, tu quitteras tout ça sur le bordage... [...]” (p. 10). “[...] Je voyais plus ma manman folle assise sur son ti-banc revivant Cyclone 28 qu’elle criait La Bête. Quand elle disait: “Éliette, ma fi, je vais te raconter Le Passage de la Bête... [...]” (p. 16) . “[...] Ma manman Séraphine disait que c’était à cause du Cyclone 28 qui avait laissé un grand tourbillon dans ma tête. Un rien me faisait enjamber les années pour me retrouver, joie, y a cinquante ans de ça dans la cuisine de ma manman [...]” (EM. p. 18).

Com o estupro e o Ciclone, Eliette perde a memória. Logo, acontece o que se pode chamar de primeiro desterro do seu Ser. O segundo desterro, ou exílio será este outro que a faz migrar para Savane Mulet e aí tornar-se uma estranha ao lugar, já que se recusa a estabelecer laços de solidariedade ou pertença. Se será curada do trauma físico pelas ervas medicinais oferecidas por Ethena, Eliette, ao apagar a dor e o choque sofridos, se revelará incapaz de doar-se, de abrir-se ao amor, enfim, não saberá

reelaborar o sofrimento para redirecionar sua existência.

Condenada a permanecer na fase egóica, com o livre desenvolvimento do self comprometido, Eliette viverá maquinalmente, com um desconforto extraordinário, pois vê-se como inacabada, incompleta, incapacitada a assumir as responsabilidades pela partilha de esperanças e projetos. Desta maneira, a contribuição de Ethena, cujo nome remete diretamente à civilização grega, berço da cultura ocidental e da racionalidade, é insuficiente para livrar Eliette do desterro do seu ser, condenando-a ao esquecimento, ao olvido, ao ‘mascaramento’ da dor.

As marcas psicológicas da violência sexual fazem com que sua personalidade desenvolva-se comprometida. Por isso, Eliette terá sempre dificuldades em amar e em ser amada, tornando-se “seca”. O desejo de ter filhos é que mobiliza sua energia para casar-se, por duas vezes, mas não conseguirá engravidar. Sua esterilidade poderá advir de sua “secura” interior, da sua falta de amor por si mesma e, por conseguinte, sua incapacidade de amar o próximo.

As contribuições da psicanálise e da análise transpessoal em particular têm demonstrado a necessidade do indivíduo de entrar em contato com a sua dor, buscando localizar e apreender as raízes do seu sofrimento, fazendo luz sobre as sombras. Assim, o crescimento pessoal e espiritual é, em geral, fruto da reelaboração das suas experiências, sobretudo daquelas consideradas dolorosas, vivenciadas por cada indivíduo em seu contato com as manifestações do “Numinoso”, aqui entendido como

[...] apreensão de um “mysterium, tremendum et fascinans”, experiência de uma realidade, simultaneamente, fascinante e terrificante que estaria na origem de todo devir espiritual ou místico. [...] Para além da lógica binária, funcionamento natural de nossas máquinas dotadas de cérebro, existe uma “coincidentia oppositorum”; o Numinoso emerge dessa coincidência dos opostos. As reações emotivas são variadas: do

simples espanto à estupefação, passando pela surpresa, pela admiração e pelo maravilhamento. [...] O próprio corpo fica vibrando ou arrepiado, frio nas costas ou dolorido no ventre, cabelos eriçados, tremores, falta de fôlego ou respiração suspensa: eis outras tantas manifestações psicossomáticas que indicam a presença de uma realidade, ao mesmo incontornável e inassimilável. *Mysterium* “tremendum” que poderá engendrar temor, angústia e, inclusive, terror, horror do vazio ou terror diante do desconhecido. Quando “isso” é objetivado ou projetado, fala-se da “cólera de Deus” ou de “poder demoníaco” (LELOUP: 2001, p.41-42).

Sem a consciência de ter vivido este encontro com o terror, Éliette vive o que se pode chamar de complexo de Jonas (= esquecido do seu Ser, ele quer fugir para não realizar sua missão, para não cumprir seu destino, desvia-se do caminho que sua alma lhe apontava, e não pode ouvir o chamado do seu Self (= consciência plena), pois estava “esquecido de si”). Por isso ela pode então permanecer no conformismo e no exacerbado individualismo dos moradores de Savane Mulet. Esquecida de si, ela pode permanecer fechada em sua própria casa/ consciência.

Pode-se dizer que são expressões do Numinoso tanto o estupro provocado por seu pai, em sua infância, quanto o Ciclone. Manifestações da “besta apocalíptica”, expressões do Mal por seu poder destrutivo: destruição do ser da criança pelo homem-bestial; destruição da natureza e dos seres vivos pela fúria apocalíptica da natureza. Estupro e ciclone arrastam consigo aniquilamento e terror.

O que poderia livrar Eliette de destruir-se no confronto ante a repetição destas experiências aterrorizantes? Sim, porque num domingo, voltando da missa, ela vê seu vizinho, modelo de pai de família, sendo levado numa viatura da polícia. É que Rosan, este poço de virtudes, é também estuprador de sua própria filha, Angela, a mais velha, que para impedir que sua irmã mais nova venha ter o seu mesmo destino, sofra os mesmos abusos



sexuais, denuncia o pai à polícia. Eliette que tudo ouve da parede e meia de sua casa, percebe que o seu destino está diretamente ligado ao de Angela e ao de todos os outros destinos. É este acontecimento assustador que a faz estabelecer contato com sua memória mais profunda, liberar as primeiras lembranças. E, ao deixar-se levar pelo impulso e escolher amparar Angela, expulsa de casa num acesso de fúria de Rosette, sua mãe, Eliette começa a tomar consciência de si

Angela! Angela, Par ici-là! Viens, ma fille, viens! Angela n’ avait peut-être pas entendu. Ne s’était pas retournée. Son ombre se perdait déjà dans la noirceur. Alors, Eliette dut ouvrir sa porte en grand et sortir à son tour dans la nuit, la poursuivre longtemps de ses cris avant que la petite ne s’arrête. Cela ne lui était jamais arrivée de courir après quelqu’un, femme, homme ou animal, de cete manière. [...] Elle flatta Angela, la supplia de l’attendre un peu, d’écouter les deux mots qu’elle voulait juste lui dire. Vieille et sans famille, elle avait guère donné des parts de son coeur, seulement des bonjours tronqués, des paroles échangées, des salutations sans fondement. Les mots sortaient arides. Angela! Viens, ne t’enfouis pas comme ça...Viens près d’ Eliette! [...] Quand Angela leva sur elle son visage bouleversé, ses yeux bouffis de larmes, Eliette sentit tomber toutes les barricades de tôles et planches qu’elle avait élevées entre elle-même et le monde. Elle était lâche. Depuis combien de temps? Longtemps déjà. Depuis ses huit ans... Comment ça lui était venu? (p.91-92)

Neste mesmo domingo fatídico, de modo inapelável, outro ciclone virá ao seu encontro. E, em processo de cura e de libertação do seu Ser, Eliette não mais o temerá. Ouvindo ao longe o som do tambor ancestral que ela tanto recusara, deixa-se invadir pelo som das batidas, permite que em seu corpo se manifestem as ressonâncias do *ka* até então renegadas. Eliette não se acha mais sozinha, sabe que o mundo não é seu inimigo, escapa da condição de orfandade e se percebe integrada ao todo.

Quand la voix du *tanbouyé* s'éleva solitaire, portée par les coups sur la peau du tambour-ka, elle couvrit tous les autres bruits qui emplissaient Savane depuis la veille au soir. [...] Sa voix lançait un défi au cyclone qui venait. Elle entrouvait les âmes et même Éliette, qui n'avait jamais voulu ni entendre ni comprendre cette musique de Nègres, suspendit ses doigts qui lissaient sa jupe à plis. La voix, le son du tambour et les paroles du Nègre la touchaient étrangement, la mettant seule face au tambour. Elle se surprit à penser qu'elle aurait pu danser si elle avait été plus jeune. Remuer les reins, ouvrir ses cuisses et faire entrer les sons du ka dans tout son corps pour en prendre le mouvement, comme ces Nègresses qu'elle haïssait de se laisser posséder par cette musique qui parlait aux bas étages du corps, aux instincts méconnus serrés derrière les hauts bois des mornes intérieurs, enterrés sous les couches de terres ensemençées d'âcres rancoeurs. Elle se sentait ébranlée à son tour, appelée à danser pour se donner du cœur et se dresser, brave, face au cyclone. Éluë, elle se sentait enfin éluë (EM. p. 194).

O Numinoso é assim detonador das lembranças, libertador das prisões da alma, e em sua aparente escuridão carrega consigo a luz sobre a memória de Eliette que, após ouvir Anuncia, depositária da memória coletiva, liberta-se enfim da amnésia, reencontra sua identidade perdida. Eliette predispõe-se a conectar-se com a natureza, não mais temendo-a, mas integrando-se a ela, sendo parte dela, na medida em que se deixa ressoar pela batida do tambor ancestral.

[...] Elle dansait, vieille Nègresse pleutre devant les cyclones et les hommes. Et c'était pas parce qu'on l'avait vue mariée à deux hommes pain-doux qu'elle se sentait sauvée, délivrée de ses peurs. Elle dansait, oui, relevant ses jupes pour la première fois. Et elle s'ouvrait large enfin pour laisser entrer la musique du tambour qui lui parlait au loin [...] (EM. p. 195).

Tomando consciência do seu corpo, Éliette apropria-se de sua identidade, pode reconhecer-se nos outros homens e mulheres, pode reconhecer-se numa mesma humanidade e assim predispõe-se a recomençar, agora que pode ver livremente, sem as

ventas do preconceito que o pensamento etnocêntrico lhe dera. Se Eliette condenava, por ver como inoperantes ou «primitivas» as crenças afro-caribenhas, também a tradição cristã ocidental revelar-se-á insuficiente: Joab, Angela, Séraphine dentre outros personagens, cujos nomes remetem diretamente à tradição cristã, são seres precários, sofrendo na pele a dimensão da tragédia humana. Joab não consegue evidenciar o paraíso que antevê em Savane Mulet, ao contrário do seu homônimo bíblico. Séraphine (= serafim) vê-se impotente para proteger sua filha, a própria Eliette. Angela (=anjo, remetendo a pureza, inocência) é aviltada em sua infância pela tara do pai-pedófilo. Somente com a incorporação das tradições afro-caribenhas, que constituem o mais genuíno *créole*, é que Éliette pode salvar Angela da destruição e a si mesma da mesquinha do individualismo, pode compreender a estreita vinculação entre destino individual e coletivo, condição para a humanização do homem:

[...] Les Nègres étaient pas des maudits, seulement faits d’une peau noire et raide pour aller par tous les temps, travailler sous le soleil, entrer dans le champs aux herbes coupantes, embrasser la misère épineuse sans même verser une larme. Et c’était une bénédiction... (EM. p. 204). [...] Y avait sûrement moyen de remettre debout le paradis qui marchait dans le rêves de Joab.

Na verdade, ao colocar-se de pés firmes sobre a terra que ela aprende a amar, Éliette realiza seu enraizamento, pelo *grounding* e, assim, pode assumir a conquista de um senso genuíno de identidade, pois

[...] quando nasce o *Self*, passamos a saber quem somos, as partes desarticuladas da nossa psique se juntam e experimentamos a totalidade, a integridade. Nossa tarefa, então, passa a ser a de encontrar meios adequados para nos expressarmos no mundo e, assim, realizarmos as contribuições que somente nós podemos fazer a fim de trazer alegria para nossas vidas e ajudar a terra devastada a florescer [...] (PEARSON: 1998, p. 42).

Enfim, libertando-se do pensamento etnocêntrico, do jugo das oposições binárias, Éliette integra-se ao todo e, em plenitude, dispõe-se a construir, coletivamente, sobre a terra devastada de *Savane Mulet* a utopia concreta de construir um mundo melhor, agora que descobre que a verdadeira família pode ancorar-se nos laços de afetividade e não apenas de sangue, agora que descobre que seus vizinhos são capazes de viver a fraternidade: “Il faudrait reconstruire sans doute. Oui, y avait encore moyen de remettre debout le paradis de Joab au macadam d’espérances” (EM. p.219).

Em busca da sua própria expressão, Éliette afasta-se do chamado discurso delirante que caracteriza tanto a fala de Séraphine, quanto aquela de Rosette<sup>2</sup>, em sua alienação que é também a alienação de todo um povo, pois conforme Édouard GLISSANT :

[...] O discurso delirante habitual pode ser considerado uma reação verbal descontrolada que tem a aparência de uma reprodução paródica do discurso de saber do grupo dominante. Para que essa reprodução possa ser feita e recebida, é preciso um alto grau de alienação cultural coletiva, um sentimento de autodepreciação em face do Outro (GLISSANT, apud DAMATO : 1996, p. 204-205).

É importante observar que a recuperação da memória é também apropriação da história da personagem que, numa reelaboração da linguagem, realiza o que GLISSANT considera a ‘poética forçada’ ou ‘contrapoética’ que trabalha no sentido de unir elementos díspares, às vezes antagônicos pois,

“ [...] Sabe, inclusive, a poética forçada dar condições para que a coletividade perceba a existência desses elementos [...] É por isso que a poética forçada tende a ser natural. A coletividade que não conseguir fazer essa passagem estará condenada ao desaparecimento.” (GLISSANT, apud DAMATO : op.cit. p.210)

Daí a bela passagem onde a narradora descreve a ação cooperativa dos habitantes de Savane Mulet em tentar evitar a destruição do lugar e também a certeza de Eliette de que a reconstrução será possível. Solidárias coletivamente, as personagens comprometem-se na luta por sua própria sobrevivência, passando da poética forçada à poética natural que “supõe portanto um comprometimento de todo um povo que seria dessa forma responsável pela prática criadora”, ( DAMATO, *ibidem*, p. 211).

Y avait sûrement moyen de remettre debout le paradis qui marchait dans les rêves de Joab. Replanter des fleurs et des arbustes, des cases-félicité. Ouvrir le ciel aux oiseaux disparus. Curer le fond de la rivière. Tracer des routes neuves. Ramasser les vieilles cuisinières, les ventilos aux pales cassées et les tambours percés des machines à laver. Fallait désamarer la peine, éteindre les cris qui résonnaient dans le silence qu’avaient déposé les grands vents du Cyclone. Pas désespérer, se répéta Eliette (EM, p.8)

Este romance constitui-se, ao meu ver, em leitura pós-colonial do discurso pós-moderno na medida em que focaliza “[...] a história local e especificidades geográficas [...]”, e, deste modo, “[...] serve ao combate a definições de monolitismo, unidimensionalidade e monoculturalismo, constituindo, portanto, uma narrativa de resistência contra e de transformação de práticas culturais universalizantes, patriarcais, elitistas e centralizantes” (SANTOS : 2000, p. 320-322).

É também inegável que esta narrativa realiza o entrecruzamento de gêneros os mais diversos, suplementando a ficção literária com discursos de várias fontes e matizes: da civilização greco-latina à tradição africana, do texto bíblico à *oralitura* (com a transposição do *créole* para a linguagem escrita). A incorporação de diferentes vozes narrativas, que se alternam no texto de *L’Espérance macadam* busca a reconstrução de um passado perdido, mas cuja reconstituição aponta claramente para o inter

ou o transcultural como base das culturas humanas, sobretudo americanas.

### **Bibliografia**

BERTHET, Dominique (dir) *Vers une esthétique du métissage ?* Paris : L'Harmattan, 2002,

CONEJO POPLAR, Antonio. (org.) VALDÉS, Mário J.O *Condor voa*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

DAMATO, Diva Barbaro. *Edouard Glissant*. Poética e Política. São Paulo : Annablume, 1995.

DES ROSIERS, Joël. *Théories caraïbes*. Poétique du déracinement. Québec: Triptyque: 1996.

EAGLETON, Terry. *Critique et théorie littéraire: une introduction*. Paris: PUF, 1994.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução por Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Fator, 1983.

FANON, Frantz. *Culture et racisme. Présence Africaine*. Paris: Sorbonne, v 8 n 10, out. 1957.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Tradução por José Laurênio de Melo. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização, 1979.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Trad. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GLISSANT, Edouard. *Le Discours antillais*. Paris : éds. du Seuil, 1981.

GLISSANT, Edouard. *Poétique de la Relation*. Paris : Gallimard, 1990.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

LECHERBONNIER, Bernard (dir) *Le Roman antillais*. Paris : Fernand Nathan 1977.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo : Ática, 1991.

LELOUP, Jean-Yves. *Consciência e plenitude*. Petrópolis : Vozes, 2002.

LEPARGNEUR, Hubert. *Destino e identidade*. São Paulo : Papyrus, 1989.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do co-*

“Outros nomes do desterro do ser: uma leitura transdisciplinar de L’Espérance macadam, de Gisèle Pineau”

*lonizador*. Tradução por Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita*. Trad por Eloá Jacobina. 5.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. “Estudos culturais: uma introdução”. In (org) SILVA, Tomás Tadeu da. *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995.

PAGEAUX, Daniel-Henri; MACHADO, Álvaro Manuel. *Da Literatura comparada à teoria da literatura*. Lisboa : Edições 70, 1988.

PEARSON, Carol S. *O despertar do herói interior*. Trad. Paulo César de Oliveira. São Paulo : Pensamento, 1998.

PINEAU, Gisèle. *L’Espérance macadam*. Paris : Stock : 1996.

PINEAU, Gisèle. *La grande drive des Esprits*. Paris : Le Serpent à plumes, 1993.

PORTO, Maria Bernadette. *Identidades em trânsito*. Niterói: EdUFF/ ABECAN, 2004.

RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1974.

READINGS, Bill. “Translatio e literatura comparada: o terror do humanismo europeu”. In (org.) PETERSON, Michel. *As armas do texto*. A literatura e a resistência da literatura. Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 2000.

SANTOS, Eloina Prati dos. “A paródia pós-moderna como ficção descolonizante”. In (org.) PETERSON, Michel. *As armas do texto*. A literatura e a resistência da literatura. Porto Alegre : Sagra Luzzatto, 2000.

TOUMSON, Roger. *La Littérature antillaise d’expression française*. Présence Africaine. Paris, 1982, 1er trimestre.

## Notas

1 Na verdade, são da etnia negra as personagens masculinas dominadoras e cuja violência as leva ao extremo : seja ao abuso sexual (morte da inocência/ incesto) como o pai de Eliette e seu meio irmão Rosan ; ou ao assassinato de mulheres como Christophe e Régis...

2 Mãe de Angela, que será violentada por Rossan, Rosette é a personagem incapaz de ver o que se passa ao seu redor, pois passa sua vida a inventar histórias mirabolantes, romances açucarados, como uma

defesa para a realidade cruel e que ela vê como inexorável. Essa forma de alienação constitui-se numa das formas do discurso delirante, assim como o discurso “bem educado”, de Séraphine, duplicando o senso comum, como “sabedoria de vida”. Cf. GLISSANT, Édouard. *Poétique de la Relation*. Paris : Gallimard, 1990.